

Engordurando o Mundo: Fernanda Magalhães e as Poéticas da Transgressão

Vinícios Kabral RIBEIRO

Rosana Horio MONTEIRO

Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado

Faculdade de Artes Visuais – FAV/UFG

vrkabral@gmail.com

Palavras-chave: corpo; arte contemporânea; Fernanda Magalhães; obesidade

Esta pesquisa visa analisar as visualidades das obras de Fernanda Magalhães. Em especial, a série de trabalhos “A representação da mulher gorda nua na fotografia” (1995) e as performances “Corpo re-construção” (2003-). Nascida em 1962, na cidade de Londrina- PR, a artista visual continua suas pesquisas e experimentações sobre os limites e potencialidades de representações do corpo na arte, em especial corpos volumosos. Seus trabalhos aproximam-se dos processos de figuração livre. Sobre essa expressão visual, Anne Cauquelin (2005) ressalta o uso da descrição “técnica mista” para definir os processos e materiais para a construção de poéticas visuais¹.

Os trabalhos de Fernanda Magalhães inserem-se em um panorama da arte contemporânea brasileira onde o corpo torna-se central na construção de obras, performances e tantas outras manifestações. Nessas produções artísticas a necessidade de apreender a anatomia corporal em sua totalidade foi suprimida pela ânsia de vestígios e presságios. O corpo como índice, como linha tênue entre a vida, a morte, o espaço da casa, o espaço público. O corpo político, genérico, ateu, religioso, caleidoscópico. Assim,

O corpo retorna em imagens de fotografia ou de novas mídias. Apesar de sua exposição obsessiva na última década, este se apresenta de maneira ambígua, pois as imagens reforçam uma ausência. Fragmentado, o corpo aparece para provar sua presença física através de vídeos, fotografias e outros meios tecnológicos. A proliferação de imagens de fragmentos corporais parece refletir sua desmaterialização (MATESCO, 2006, p. 537).

¹Relações entre os materiais, a prática artística e articulação da subjetividade e o pensamento na construção de uma obra.

Em 2005, foi realizado um documentário² com um pouco menos de cinco minutos de duração sobre a vida e obra da artista. O corpo de Fernanda é revelado em pequenos detalhes: orelhas, mãos, olhos, silhueta. Ao fim uma resposta é dada, entre risadas, a uma pergunta que possivelmente seria: “você se considera uma pessoa gorda?” A resposta: “Eu sou gorda? Claro, com certeza, com orgulho. Sou gorda, sempre serei uma pessoa gorda, uma pessoa redonda, né? Eu adoro, é a minha constituição, essa sou eu”.

Foucault (2003) enfatizou como historicamente fomos incitados a falar, confessar. Antes ao padre e seu confessor, depois ao juiz e ao seu tribunal, agora cotidianamente ao médico e seu consultório. E no caso citado: para as câmeras. Por que retomo esse detalhe do vídeo ou da obra da artista? Talvez não seja o corpo em si que incomode, mas a consciência e a leveza de se sentir bem com o seu corpo; com um corpo negado, majoritariamente, por todas e por todos. Ao confessar ser gorda, Fernanda Magalhães experimenta e traduz essa transgressão quando cruza fronteiras socialmente demarcadas em suas poéticas.

No campo das artes visuais, transgredir é provocar o olhar, exibir o “obsceno”, o monstruoso. Segundo Henri-Pierre Jeudy são rituais que perpassam a elaboração da arte. Ainda para o autor, nesse processo de transgressão das imagens corporais, “o desafio é criar uma nova simbólica que rompa com a constância de uma ordem moral regida por um sistema de valores que encerra o corpo em um molde de representação” (2002, p.139). E se o corpo é investido de tanta importância e visibilidade, artistas como Fernanda Magalhães exploram sua corporeidade em um processo de pesquisa e conhecimento; formas de responder e resistir às formatações sociais do corpo.

Nesse contexto, algumas das razões para tanta predileção do corpo nas produções artísticas contemporâneas talvez seja pela onipresença e saturação de suas imagens no cotidiano; seja nas inúmeras mídias, sejam na academia, clubes, praias e outros locais de sua exibição. Se antes, entre os séculos XVI e XIX, o grande dilema vivido eram as prisões das vestimentas, da ética puritana e a regulação das sexualidades e dos prazeres, a partir dos anos de 1960 com os movimentos de contracultura e de liberação sexual o drama repousa na exposição demasiada ao corpo. Quase tudo é corpo: a medicina, a arte, a sexualidade, a

²Rotundus. Realização Kinoarte. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0DDknRfJBZU>. Acesso: 10 jun 2011.

organização social, as tecnologias, etc. O corpo tornou-se moeda de troca nas tramas sociais. As marcas do tempo, o sobrepeso, as imperfeições convertem-se em fracassos individuais. Como percebido por Goldenberg, o slogan do mercado do corpo é: “Não existem indivíduos gordos e feios, apenas indivíduos preguiçosos” (2002, p.09).

São pululantes as expansões de significados dados ao corpo. Mais que um conjunto de órgãos que asseguram a vitalidade, transfigurou-se em um texto escrito socialmente, um arquivo orgânico (PRECIADO, 2002). Um dos locais onde são travadas disputas, disciplinas e discursos. Corpos marcados pelo micropoder e a biopolítica. Esmiuçados, medicalizados, normatizados (Foucault, 2003). Há uma compulsoriedade pelo bem-estar, equilíbrio e sanidade. Não há condescendência, nestas redes de poder difusas e invisíveis, para corpos que desafiam o “normal”, que incomodam, quer pelo “excesso” lipídico, pelas marcas da doença ou pela inclinação ao “diagnosticado” patológico.

Sobre a dor de experimentar a diferença e a coercitividade ao seu corpo, Fernanda Magalhães diz:

Este corpo que constrói o trabalho também foi o que me levou a sofrimentos sucessivos, devido ao preconceito em relação à sua forma, pois, afinal, sou uma mulher gorda. Estas dores da exclusão levaram-me a desistir das expressões pela dança ou pelo teatro, as quais também integraram minha formação. Expor através do corpo ficou represado. Um corpo fora do padrão deve ser contido, assim, a certa altura da vida, parei de encenar e de dançar. Esta contenção extravasou-se pelo trabalho fotográfico, através do corpo, em suas performances. O auto-retrato e as autobiografias vieram à tona (MAGALHÃES, 2008, p.84).

O que a artista provoca, questiona e subverte são as condições claustrofóbicas que nossos corpos vivenciam rotineiramente. Suas imagens circulam por um mundo onde corpos são reificados. A obsolescência e perecibilidade são constantes, assim como a fragmentação dos sujeitos. Seus trabalhos contestam e denunciam, mas acima de tudo colaboram para “alargar” o lugar do corpo na sociedade, possibilidades de se “engordurar o mundo”.

O projeto “A representação da mulher gorda nua na fotografia” é uma trajetória de mais de quinze anos. O corpo nu da artista, em um primeiro olhar, centraliza a atenção; principalmente pelo corpo gordo não figurar no cardápio erótico do cotidiano e na indústria midiática. Na série, produzida por Fernanda Magalhães,

tem-se um convite para deslizar em outras possibilidades de contemplação e reflexão do e sobre o corpo.

Para uma aproximação com a produção de Fernanda Magalhães e uma investigação das visualidades oriundas de suas poéticas focalizo as questões do corpo na arte contemporânea. Percorro e discuto a sua presença nas produções de artistas brasileiros e a dissolução de fronteiras do corpo como sujeito e objeto artístico. Algumas questões são consideradas neste momento: as metáforas do corpo nas visualidades artísticas; o corpo como um enfrentamento aos discursos biomédicos e patologizantes; o engendramento de arte, corpo e ciência na formulação de outros saberes e olhares.

Ao eleger uma investigação onde objeto é a imagem, aproximo-me de outros artistas que desafiam as convenções de corpo e o ideal estético da magreza. A priori, visitarei os trabalhos do carioca Alexandre Vogler (1973-), como a campanha “quatro graus” (2004). Nessa intervenção urbana, o artista carioca espalha por algumas cidades cartazes com imagens de quatro nádegas femininas. Abaixo das bundas, encontram-se definições estético-científicas da celulite, e as características e peculiaridades de cada estágio.

As influências da sociedade midiática, assim como uma ferrenha crítica a ela, são constantes nas provocações de Vogler. Tanto que, dada a repercussão pelos meios de comunicação, a intervenção desdobrou-se. O artista aproveitou-se ao constatar que os comentários a seu trabalho associavam-se à polêmica criada em torno da atriz Juliana Paes e seu ensaio para a revista *Playboy* em maio de 2004³.

Outra artista que exploro em minha pesquisa é a baiana Eliana Kertész. Uma escultora apaixonada pelo redondo, pelas formas volumosas. Em barro, bronze ou resina traz ao mundo mulheres gordas, nuas, sensuais. Ela reivindica, assim como Fernanda Magalhães, a erotização da gordura. Sejam nas três gordas gigantes no bairro de Ondina em Salvador (2004), Bahia, sejam as miniaturas, em poses sensuais, Kertész envolve-se em um universo plástico abundante, farto e exuberante.

³Circularam pela internet imagens “reais” do bumbum da atriz com celulites sem retoques. Alexandre aproveitou para “alforriá-la” de sua condenação pública e soltou um *display* de Juliana amarrado a balões, com a devida correção de suas nádegas, agora sobrepostas com o “último grau” da celulite. Disponível em: <http://www.alexandrevogler.com/graus.swf>. Acesso em: 14 jun 2011.

Já o paraense Paulo Wagner⁴ desenvolve em suas pinturas figuras excessivas, deformadas, assustadas. O corpo exposto em arte é, em toda sua forma, uma resposta ao mundo que insiste em condenar a corporeidade do artista, que ultrapassa 130 quilos. Seus trabalhos aproximam-se dos traços modernistas e figurativos do irlandês Francis Bacon (1909-1992), assim como a sensibilidade em perceber e retratar corpos fora da norma, conduzidos à margem.

Ao compreender que os estudos de cultura visual preocupam-se com questões que ultrapassam o valor estético de uma obra de arte, intento confrontar-me com essas obras produzidas pelos artistas citados anteriormente, identificando os locais onde as mesmas circulam e procurando compreender de que maneira essas visualidades provocam e impactam nossa sociedade.

A abordagem dos estudos de Cultura Visual parte da desconstrução das “verdades do olhar” impostas ao processo de ver/olhar. A quem interessa que pensemos dessa maneira? Quais os regimes de poder entrecruzados no campo das visualidades? De que maneira pensar em outro mundo um pouco mais equânime, prazeroso, onde se aceite mais que se exclua? Nesse sentido, os artistas contemporâneos, envolvidos nas questões do corpo, contribuem para outros modos de ver/olhar. Olhares polissêmicos e multipolares, onde as imagens do corpo sejam um tanto mais livres e plurais.

Referências Bibliográficas

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I – a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A Civilização das Formas: o corpo como valor**. In: Mirian Goldenberg org. *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

JEUDY, Henri Pierre. **O Corpo como Objeto de Arte**. São Paulo : Estação Liberdade, 2002.

MATESCO, Viviane. **O Corpo na Arte Contemporânea Brasileira**. In: *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*, 2006.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto Contra-sexual**. Madrid, Opera Prima, 2002.

⁴Ganhador do prêmio aquisição em 2009 no salão Arte Pará, na cidade de Belém.